

O Julgamento dos Mitos

Julio Cezar Melatti

Publicado em *Ciência Hoje*, vol. 14, nº 84, pp. 36-43.
Rio de Janeiro, SBPC, 1992.

Neste artigo, os nomes das sociedades ('tribos') indígenas estão aportuguesados e grafados conforme a ortografia oficial brasileira, pelas razões que o autor já teve a oportunidade de apresentar em *Ciência Hoje* 10 (56): 2, 1989. Manteve, entretanto, as grafias dos trechos tomados de outros autores ou dos títulos das obras mencionadas.

Quanto aos nomes dos personagens míticos e outros termos do vocabulário *craô*, o autor fez uso da mesma grafia utilizada no seu livro *Ritos de uma tribo timbira*, segundo a qual as letras e os acentos são equivalentes aos da ortografia oficial brasileira, com algumas exceções (citando aqui apenas as presentes neste artigo): o *h* e o *kh* são aspirados; o *w* e o *y* equivalem respectivamente ao *u* e ao *i*, mas formam sílaba com as vogais que os seguem; o *e* e o *o* equivalem ao *ê* e ao *ô*, respectivamente; o *ë*, o *ï* e o *ö* são, respectivamente, o *ó*, o *u* e o *ô* não-arredondados; o ponto de interrogação indica a oclusão glotal. O apóstrofo indica a sílaba tônica, quando esta não é a última. A sílaba *ré*, no final de uma palavra, geralmente constitui um sufixo que indica o diminutivo; neste caso, o *r* não forma um grupo consonantal com a consoante que o precede, mas inicia uma sílaba independente.

"Por que será que deixamos de lado certos dados etnográficos obtidos em pesquisas de campo de realização nem sempre fácil? Por que os abandonamos em nossas cadernetas como num quarto de despejo? Certamente porque assumimos de antemão que sua elaboração não nos pode levar muito longe, pois não suscita nenhuma questão digna de discussão. Talvez tenha sido essa a razão do esquecimento a que foram relegados alguns relatos míticos que agora retomaremos aqui, com o arrependimento de ter deixado uma interessante 'peça de louça' tanto tempo no porão." Com essas palavras o autor retoma narrativas recolhidas há muitos anos, em uma de suas visitas aos índios *craôs*, do norte do estado do Tocantins, que assim vêm se juntar a outras analisadas em livros como *O Messianismo Krahó* (1972) e *Ritos de uma Tribo Timbira* (1978).

Os seis mitos aqui resumidos nos foram todos narrados em outubro de 1963 por três habitantes da aldeia de Cachoeira. As narrativas foram recolhidas em português, pois nossa falta de domínio da língua timbira, falada pelos *craôs*, não nos permitiu surpreendê-los em sua narração espontânea e nem, em certos casos, conhecer o significado dos nomes de determinados personagens.

Certas características comuns entre esses mitos permite destacá-los como um conjunto: 1) referem-se a seres que vivem sozinhos, fora da aldeia, e que matam os seres humanos; 2) alguns desses seres possuem características somáticas monstruosas; em outros, a monstruosidade reduz-se ao comportamento; 3) metade dessas narrativas deixa explícito que tais monstros foram

anteriormente humanos; 4) todas contam como os monstros, depois de fazerem algumas vítimas, foram liquidados pelos habitantes da aldeia; 5) em quase todas, um habitante da aldeia se destaca como líder na luta contra o monstro; 6) na maioria delas, o monstro abatido é examinado e reconhecido por um velhinho, quase sempre identificado como o herói Tırkrê.

A primeira narrativa nos foi contada por Osório (Téyapok Kīapī). É a única que pode ser relacionada indiretamente a um rito craô, através de um outro mito. Diz que:

Hunkóputxit, parecido com o tamanduá bandeira, e Róptik, a onça preta, estavam matando índios. Honré, um excelente caçador de veados, pois corria muito, convidou seu cunhado (*impöye*, categoria de parentesco que inclui o irmão da esposa, mas não o marido da irmã), amarelento e mau corredor, para caçar. Saíram a examinar os rastros, até encontrar os de um veado cujo porte fizesse jus à habilidade de Honré. Mas nessa procura foram dar com Hunkóputxit, que estava comendo um veado que tinha abatido. Honré, procurou atrair Hunkóputxit para si, de modo a permitir a seu cunhado escapar. Após perseguir em vão o veloz Honré, Hunkóputxit voltou-se para o cunhado, que derrubou e matou, metendo-lhe a unha no ‘sangradouro’. Depois pegou-o pelos cabelos, bateu-lhe com a cabeça no chão, abriu-lhe o ventre e comeu-lhe apenas o fígado. Honré ficou olhando. Hunkóputxit deixou o cadáver, limpou a unha nas folhas verdes e, não querendo mais correr, foi embora. Honré tomou folha de palmeira e colocou o cunhado em cima. Foi embora para a aldeia, mas o irmão do cunhado não procurou saber de nada.

Honré recomendou aos moradores da aldeia que não queimassem mais o capim, de modo que algum tempo depois ele já estava bem alto, da altura das forquilhas das casas. Foi então averiguar se o tio de Téphót, de quem Róptik havia matado a mãe e o pai, já tinha aprontado a borduna, grande e pontuda, para matar esse monstro. Então Honré pediu à sua própria mulher para preparar seu alimento, batata e milho, porque o capim já estava bom. De tarde Honré saiu para o pátio, a fim de convidar todo o povo das casas para reparar o fogo que ia fazer, e apanhar as caças queimadas.

De manhã Honré saiu da aldeia com o cunhado, irmão daquele que Hunkóputxit havia matado. De tarde estavam no meio do capinzal e ficaram cantando baixinho até a estrela grande sair. Apanharam fogo, entraram em sentidos opostos e foram incendiar o capim. Puseram fogo numa volta de meia légua, evitando um trecho junto a uma moita, e ficaram no meio. O fogo estava queimando toda a caça. Aí o povo todo partiu para o local do incêndio. Hunkóputxit estava gritando no meio do fogo: ‘Tuut!’ O fogo devorou todo o capim. Téphót estava à espera de Róptik, tomando o caminho onde este deveria passar. Outro subiu a uma árvore para avisar a Téphót quando Róptik viesse. Róptik já vinha vindo. Aquele que estava no alto da árvore emitiu um grito longo, batendo seguidamente com a mão na boca. Vencendo os receios do tio, o próprio Téphót pegou a borduna e furou Róptik; gritou e outros índios vieram ajudá-lo a acabar de matar Róptik.

Todos os índios ajuntaram para olhar Róptik. O governador ordenou que a rapaziada fosse buscar um velhinho que conhecia todos os bichos. Esse velhinho devia de ser Tırkrê, porque ele é que sabe muito. O velhinho examinou Róptik e disse para o povo: “Esse aí não é outro bicho não; é Roptigrê (diminutivo de Roptik)!” Deixaram-no lá. Honré procurou Hunkóputxit e achou-o

queimado. Gritou para os outros, que se ajuntaram e tornaram a buscar o velhinho. Aí o velho reparou e tornou a dizer: “Esse aí não é outro bicho não; esse aí é Hunkóputxitré (diminutivo de Hunkóputxit)!”

Alguns detalhes deste mito nos sugerem uma relação com um outro mito, do qual publicamos uma versão no segundo dos livros mencionados acima e Harald Schultz publicou outra em suas “Lendas dos Índios Krahó”: o mito dos irmãos Kenkunã e Akrei. As aventuras desses irmãos são explicitamente relacionadas pelos craôs a um de seus ritos de iniciação, atualmente extinto, chamado de Pembye ou Ikhréré, no qual cada rapaz passava um longo tempo recluso num recanto, separado por esteiras, dentro da casa materna.

Um dos detalhes semelhantes são os nomes dos dois monstros, Hunkóputxit e Roptik. O primeiro, literalmente ‘Uma Unha’ (*hunkó* = unha, *putxit* = um), é o nome de um ser comparado ao tamanduá bandeira. O segundo é o nome da própria onça preta (*róp* = onça, *tik* = preto, preta). Pela classificação dos personagens que apresentamos no livro citado, através de uma complexa cadeia de associações que seria longo e fastidioso reproduzir aqui, esses dois personagens correspondem respectivamente à grande coruja¹ e ao grande gavião do mito de Kenkunã e Akrei. Enquanto a onça e o gavião são animais carnívoros que dilaceram suas presas para comê-las, a coruja e o tamanduá são animais que podem engoli-las inteiras. O importante a reter aqui das conclusões daqueles trabalhos é que os indivíduos mortos por animais desta última categoria correspondem àqueles membros da sociedade que a deixam definitivamente.

Outro detalhe semelhante é a repetição da habilidade em correr de Kenkunã e da inabilidade de seu irmão Akrei nas pessoas de Honré e seu cunhado. Em ambos os mitos, o inábil é morto pelo ser que pertence à categoria dos animais que engolem suas presas inteiras. O hábil Honré depois se desdobra em dois personagens também hábeis, ele próprio e Téphót, para quem, aliás, o *keti* (categoria que abrange, entre outros, o tio materno e ambos os avós) faz a grande borduna pontuda, tal como o avô de Kenkunã e Akrei fez para os netos.

Ainda uma semelhança é que, em ambos os mitos, o ser da categoria dos carnívoros dilaceradores é que é morto diretamente pelo herói hábil. A grande coruja, no mito de Kenkunã e Akrei, é simplesmente esquecida, enquanto o semelhante a tamanduá-bandeira é morto, mas indiretamente, pelo incêndio.

Há também diferenças a apontar: o cunhado de Honré não é degolado como Akrei: ele tem seu fígado devorado. Mas a grande diferença entre os dois mitos é que os seres monstruosos aqui são simplesmente aniquilados, enquanto no outro as penas do grande gavião dão origem a pássaros e passarinhos. Além disso, aquele está explicitamente associado a um rito de iniciação, mas este não. Em suma, aquele parece oferecer maior ‘rendimento’ do que este.

¹ Posteriormente à publicação deste artigo em *Ciência Hoje*, percebemos que Nimuendaju (1946, pp. 180-181) toma esse ser mítico, *Kukëi*, também presente na mitologia canela, como um caprimulgídeo, uma família que não inclui as corujas. Entretanto especifica seu nome popular como rasga-mortalha, que no *Dicionário dos Animais do Brasil*, de Rodolpho von Ihering (São Paulo: Editora Universidade de Brasília, 1968, p. 646) é o nome amazônico da coruja suindara.

É também Osório quem conta o mito a seguir resumido:

Um homem foi para a roça com a mulher e seus meninos para tinguijar (colocar plantas tóxicas na água para pescar com facilidade), a fim de assar entre pedras aquecidas um bolo de mandioca recheado com peixes. Tendo deixado a mulher e os filhos na roça, o homem tirou um bocado de timbó no mato e foi tinguijar uma lagoa nas proximidades. Já era de tardezinha e ele continuava, sozinho, a procurar peixes na lagoa. Então um sapo grande — o *proti* — lhe dirigiu perguntas. Como o homem lhe confirmasse que estava sozinho, o sapo o decepou bem na cintura. O homem então abandonou a parte inferior do seu corpo junto à lagoa e passou a andar de cabeça para baixo, sobre as mãos, o coração e muito sangue à mostra. Caminhou para a casa da roça e, ainda do lado de fora, ordenou à mulher que acendesse o fogo para pôr o peixe. Ela saiu da casa, viu o marido naquele estado, entreteve-o dizendo que ia acender o fogo, fez os filhos fugirem por uma outra porta, seguindo-os logo depois. O homem ficou no mato. Quando a mulher chegou à aldeia, não contou nada aos outros sobre o que sucedera. O homem tinha virado Hitókréré.

Quando alguma mulher ia ao mato para apanhar bacaba, Hitókréré ia atrás. A mulher subia no pé de bacaba e Hitókréré dirigia-lhe a palavra, sem ser visto, dizendo-lhe que ia copular com ela. E então subia no pé de bacaba. Entretanto, quando a mulher o via, caía lá de cima e morria. Mas Hitókréré não fazia nada, pois não tinha com que copular. Fazia sempre assim. Já estava acabando com as mulheres.

Havia porém uma mulher muito sabida, acostumada a andar sozinha, que resolveu consigo mesma pôr um paradeiro àquela situação. Uma tarde essa mulher reuniu as outras no pátio. E comunicou ao governador que iriam todas procurar bacaba no dia seguinte. De manhã saíram todas com o governador. Ao chegarem à orla da mata, a mulher sabida disse ao governador que ele e as outras mulheres deveriam ficar no mato e ela prosseguiria sozinha; quando ela gritasse, ninguém deveria ir atrás. E ela foi, examinando os pés de bacaba. Subiu num pé de bacaba e gritou: “Aqui há bacaba madura, quem quiser tirar aqui, pode!” O bicho porém não respondeu. Ela tornou a gritar: “Quem vem tirar bacaba; aqui tem muita, madura!” Aí o bicho respondeu: “Ah, já vou indo, eu quero copular”. E o bicho se aproximou, respondendo ainda quando mais próximo. A mulher estava reparando: “É esse bicho mesmo que está matando as cunhãs; hoje você morre”. Então a mulher cortou o *premp* (a folha protetora do cacho) para furar o bicho no coração. E tornou a gritar: “Quem vem tirar bacaba? Aqui tem muita, madura!” Hitókré alcançou o pé de bacaba e começou a subir. A mulher já esperava por ele. Quando ele já estava no meio do tronco da bacabeira, a mulher bateu-lhe no coração com o *premp*, que o levou para baixo. A mulher desceu. Hitókré já estava morto.

Então chamou pelos outros. Ajuntaram-se muitos homens e muitas cunhãs para ver Hitókré. Então o governador mandou a rapaziada ir buscar o velhinho. O velhinho examinou o bicho, tocando-o com o bastão que usava como apoio para andar. E disse ao povo: “Esse aí não é bicho não, é o índio mesmo que o *proti* cortou”.

Esse novo ser resulta de um decepamento pela cintura. Tal como aconteceu com o degolado Akrei, a parte inferior do corpo é abandonada inerte, e a de cima é que passa por uma transformação. Além disso, o bicho que corta o seu corpo ao meio é o grande sapo, ou seja, um animal que também pode ser colocado na categoria daqueles que engolem suas presas inteiras.

É ainda o mesmo Osório que conta o terceiro mito, desta vez a respeito de um ser que, de certo modo, é uma inversão do anterior:

Uma moça muito bonita estava matando homens. Ela andava nuazinha. Subia em alguma árvore que tivesse um galho que convenientemente crescesse em sentido horizontal e, lá de cima, cantando, chamava o homem que passasse: “Suba para copular comigo! Suba, eu o seguro pelo braço, nós vamos fazer aqui mesmo!” O homem subia; quando já estava no meio do tronco, ela o pegava pelo braço. Mas Hopóré — este era o nome dela — não queria copular. Soltava-o, e o homem caía lá em baixo, morrendo. Hopóré já tinha matado muitos homens assim. Homens bonitos, com batoques nas orelhas.

Havia, porém, um homem que pensava muito. Ele decidiu consigo mesmo resolver esse problema. Então preparou flechas e pôs corda nova no arco. Por sugestão sua os outros homens foram caçar. Mas ele foi sozinho, tendo antes avisado aos demais que, se gritasse, ninguém deveria responder. Hopóré estava cantando. O homem pensou: “É aquele bicho mesmo que anda matando homens!” Hopóré lhe falou: “Vem subir aqui, eu pego no braço de você!” Mas o homem mandou que ela descesse. Ela respondeu: “Não, você é que vem aqui, não me fleche, não!” Ao mesmo tempo mostrava o sexo para ele. Hopóré não queria descer. Então o homem apanhou uma flecha e atingiu Hopóré; e flechou de novo e Hopóré caiu.

O homem chamou os outros, que se ajuntaram. O povo a estava observando. Era bonita, alvinha! Então tornaram a buscar o velho — parece que era Tírkrê mesmo — lá na aldeia. O velho veio, examinou Hopóré, rodando em volta dela e disse para os outros: “Esse aí não é outro bicho não, é índio mesmo, aquela moça que se chama Hopóré!” Então deixaram a moça e foram todos para a aldeia.

Ao invés de uma figura de aspecto horrível como Hitókré, Hopóré é uma jovem atraente. Tanto ele como ela fingem querer manter relações sexuais com suas vítimas. Ele sobe atrás da vítima, que está no alto de uma bacabeira; ela fica numa árvore e atrai a vítima para o alto. Ambos são trespassados, ele por uma parte da bacabeira, brandida de cima para baixo, ela por flechas, atiradas de baixo para cima.

Um outro mito, contado por Messias (Hawöt Krök Pirípok), trata de um ser maléfico que, ao contrário daquele da narrativa anterior, não é uma jovem, mas uma velha.

Foi uma índia que se transformou em Tókhamkwërekwe. À noite, quando alguma criança chorava e a mãe procurava acalentá-la, Tókhamkwërekwe se aproximava e se oferecia para ajudar. Então levava a criança para a toca de pedra e a matava, apertando-lhe a goela. Depois a moqueava, conservando-a em cima de um jirau construído sobre o fogo. Toda noite Tókhamkwërekwe pegava crianças.

Um dia um velho, à procura de ratos para caçar com ajuda de fogo, chegou até a toca de Tókhamkwërekwe. Ela lhe ofereceu uma coxa de garotinho. A criança que tinha sido apanhada na última noite ainda estava por cima do fogo. Então o velho percebeu: “Ah, esse bicho é que está matando as criancinhas!” E foi logo se despedindo, ainda a ouvir o oferecimento de Tókhamkwërekwe de que ali voltasse sempre que lhe faltasse caça.

De noite o velho foi à praça da aldeia e contou que descobrira quem estava comendo as crianças. Então todos se reuniram e de manhã cedo foram à procura de Tókhamkwërekwe. Ela estava na toca, deitada com os pés para cima. Havia muitas cabeças de criancinhas. Então quebraram a cabeça de Tókhamkwërekwe com cacete.

O nome da velha Tókhamkwërekwe talvez seja constituído dos elementos *tó* (olho), *kham* (lugar) e *kwërekwe* (zangão), mas isso, pelo menos à primeira vista, nada nos permite acrescentar ao conhecimento desse personagem. Por outro lado, vale notar que, por ocasião de uma recente visita que nos fizemos em Brasília, três craôs afirmaram que o nome dessa velha era Tóntépkakre, em que *tó* é olho e cujo sentido geral tem algo a ver com furar olhos. Para eles, Tókhamkwërekwe seria alguém, de olhos azuis, que mexia com um pau e identificava quem estava caído, o que nos leva a pensar no velhinho que identificava os monstros abatidos. Seja como for, deve haver uma ainda não esclarecida relação dessa velha com olhos.

Se Hopóré, matadora de homens, é o inverso de Hitókré, assassino de mulheres, Tókhamkwërekwe, uma devoradora de crianças, parece ter algo em comum com o monstro do mito seguinte — também narrado por Messias —, e de certa forma o inverte:

As crianças se reuniram e foram para o mato com o fim de caçar passarinhos. Viram Khrãkhró'khrógré, que estava no galho de uma árvore, mas o confundiram com um ninho de arapuá, uma espécie de abelha, e resolveram queimá-lo. Um deles foi buscar fogo, quebrou palha seca, enrolou, botou no pau para queimar a boca da colmeia. E tocou fogo. Mas Khrãkhró'khrógré soprou e o fogo não pegou. Então o rapaz desceu e convidou outro a tentar. O outro subiu, sapecou outra vez a boca, mas o fogo não pegou. Então subiu um terceiro, mas Khrãkhró'khrógré cuspiu de novo e o fogo apagou. O rapaz desceu e disse: “Não é arapuá não: é Khrãkhró'khrógré que está aí!” O rapaz tinha visto a boca e ela tinha dentes. As crianças então caminharam um pedaço e gritaram: “Khrãkhró'khrógré! Khrãkhró'khrógré! Corra atrás de nós!” Khrãkhró'khrógré desceu logo, perseguiu-as e cortou o tendão de Aquiles de todas as crianças. E morreram todas, porque não podiam andar e o sol as matou. Avisados e conduzidos por um rapaz que tinha escapado, por se ter escondido numa moita, os pais foram buscar os corpos das crianças.

Mandaram então dois corredores atrás de Khrãkhró'khrógré. Um velho aconselhou que não usassem arco para matá-lo, mas cacete. Então foram os dois corredores e gritaram: “Khrãkhró'khrógré! Khrãkhró'khrógré!”, desafiando-o a vir cortar os tendões de novo. Khrãkhró'khrógré desceu e correu muito. Mas havia muitos índios escondidos numa moita; e com cacetes. Khrãkhró'khrógré veio correndo atrás dos corredores. Mas os outros atiravam cacetes em Khrãkhró'khrógré, até que um bateu nele e o matou.

Os rapazes foram procurar um velhinho e o trouxeram. Parece que era Tirkrê, porque não se ouviu falar que tenha morrido. Ele chegou, mexeu com o bastão em Khrãkhró'khrógré e disse: “Olhem, meus sobrinhos, vocês estão vendo, esta coisa é Khrãkhró'khrógré!” Aí o povo foi embora, gritando antes de sair: “Uha! Uha!” O velhinho disse: “Vocês escondam dois rapazes, porque ele tem dois olhos nos pés”. Tinham-lhe quebrado a cabeça, mas não lhe tinham feito nada nos pés.

O pessoal foi embora, e os dois rapazes, escondidos na moita, ficaram olhando. Aí Khrākhró'khrógré levantou o pé, olhou em volta e abaixou. E olhou com o outro pé. E olhou com os dois olhos, que ficavam na planta dos pés. Viu os dois rapazes na moita e abaixou os pés depressa. Os rapazes gritaram pelo pessoal e eles voltaram. Os rapazes recomendaram que não lhe batessem na cabeça, porque os olhos dele eram nos pés”. Então um deles lhe atirou o cacete nos pés e Khrākhró'khrógré morreu.

Note-se, em primeiro lugar, que Khrākhró'khrógré mata crianças, talvez não tão pequenas (uma vez que o narrador se refere a elas como crianças, garotinhos e até rapazes), porém não as devora como Tókhamkwërekwe, abandona-as. Além disso, Tókhamkwërekwe as procura, oferece-se para cuidar delas, enquanto Khrākhró'khrógré as persegue quando provocado. Note-se ainda que a velha mata atingindo o pescoço das vítimas, enquanto ele procura as pernas. Aliás, ainda um detalhe parece relacionar os dois seres: a velha foi encontrada a dormir com as pernas para cima.

Talvez o único mito deste conjunto que já foi divulgado por outros autores seja aquele cuja versão nos foi narrada por Gregório (Krikó Hũ?te):

Um homem saiu acompanhado do cunhado (*ipiyã*, termo que inclui o marido da irmã, mas não o irmão da esposa) para matar gaviões na queimada nova, de modo a obter penas para fazer flechas. Saíram já muito tarde. De noite fizeram fogo. Aí, perto de dormir, o cunhado botou o pé no fogo e o fogo cortou-lhe o pé. Ele atirou fora o pé e disse para o companheiro: “Vai buscar o pequi”. O outro procurou o pequi, mas não achou nada. O cunhado percebeu que ele já estava quase dormindo e fez ponta no osso da própria perna, que ficara exposto com a queda do pé. E furou o chão com a ponta. Então o companheiro se levantou, pois o cunhado queria furá-lo. O companheiro se deitou outra vez, mas o outro tentou furá-lo novamente. Então o companheiro correu, virou rato, foi-se embora para a aldeia, mas lá não contou nadinha do que acontecera.

Uma informação de Marcão (Yahé Txephi), dada muito tempo depois, diz que os dois cunhados pretendiam pôr fogo no mato para espantar os gafanhotos e assim atrair os gaviões, que gostam de comê-los. De qualquer modo, isso não acrescenta muito. Harald Schultz, no trabalho já referido, divulgou uma versão muito mais detalhada deste mito. Por sua vez, o famoso etnólogo Curt Nimuendaju publicou uma versão dos canelas e outra dos apinajés no final dos dois livros que dedicou respectivamente a esses dois grupos, também constituídos por índios de cultura e língua timbira como os craôs.

O nome atribuído a este ser, quando anotamos o mito, foi Téwaré, o que deve significar ‘dente da perna’ (*té* = perna, *wa* = dente). Na versão tomada por Schultz, o nome é Hitéwá, ‘dente da perna do osso’ (*hi* = osso). Nas versões canela e apinajé, o nome é o mesmo que registramos. Na verdade, não há diferença importante entre um e outro, considerando-se que não raro os craôs omitem a primeira sílaba de uma palavra (neste caso, *hi*), e que o *ré* é o indicador de diminutivo.

A versão tomada por Schultz conta também que Téwaré tenta matar o cunhado, primeiro com seu osso aguçado, depois com fogo, quando este se transforma em preá e se esconde num cupinzeiro, conseguindo finalmente escapar para a aldeia. Téwaré passa então a matar, com a ponta do osso da perna, caçadores solitários ou que saíam em duplas, e até rapazes que dormiam,

à noite, na praça da aldeia. Um velho aconselha os habitantes da aldeia a fazerem um boneco de casca de jatobá, de modo a enganar Téwaré. Este ataca o boneco pensando ser um homem, e não consegue mais retirar o osso que nele tinha fincado. Os habitantes da aldeia então o matam. Um velho, cujo nome não é explicitado, o examina e o identifica.

A versão canela não adianta muito mais do que a que registramos: chega até a tentativa de matar o cunhado com fogo, atacando a árvore no interior da qual se escondera, penetrando por um buraco, sob a forma de rato.

Entretanto, a versão apinajé avança mais longe que todas as outras. Após narrar que os homens mataram Téwaré a cacetadas, diz que o degolaram e jogaram sua cabeça para um lado. Mas ela fugiu aos pulos. Voltou, porém, mais tarde e matava os homens, saltando-lhes sobre a nuca. Depois de tentativas fracassadas para matá-la, fizeram profundos buracos ao longo e aos lados de um caminho, e a chamaram, de modo que ela veio a cair dentro de um deles, não conseguindo mais sair. Aí então foi morta e depois sepultada num buraco mais fundo. De sua cova nasceu uma mangabeira de cujo látex se fizeram as primeiras bolas para o jogo de Peny-tág, que constitui parte integrante do rito de iniciação Pemb-kumrédy, correspondente ao Pembye dos craôs e dos canelas.

Esse desenvolvimento da versão apinajé nos abre caminho para duas interessantes relações. Um delas é a oposição entre a cabeça e o pé de Téwaré. A cabeça, como acabamos de ver, é saltadora e, depois de morta, dá origem a uma árvore que fornece látex para fazer bolas que igualmente saltam. Por outro lado, o pé, que Téwaré queima e destaca de sua perna, ele próprio quer que seu cunhado confunda com uma fruta de pequi que acaba de cair da árvore, detalhe presente em todas as versões aqui mencionadas. Ora, o pequi é um fruto duro, denso, que cai da árvore pesadamente, sem saltar.

A outra relação é mais surpreendente: decorre do nome da cabeça saltadora em que se transforma a cabeça de Tewarté. Na grafia de Nimuendaju, ela é Krã-grogrôd-re (ou Krã-grogród-re: uma e outra forma aparecem no texto), que o mesmo autor traduz como ‘cabeça de maracá’. Guardadas as diferenças de grafia e dialeto, esse nome parece o mesmo do monstro a que se refere o mito apresentado imediatamente antes daquele que estamos comentando: Khrãkhró’khrógré. Ainda que possa se tratar do mesmo ser, há diferenças a considerar: no mito apinajé, o ser mata batendo na nuca; no mito craô, cortando a parte póstero-inferior da perna. No mito apinajé é uma bola saltadora; no craô tem pés, que são sua parte mais vulnerável, e em cujas plantas estão os olhos. Apesar dessas diferenças, outros detalhes aproximam o ser do mito craô daquele do mito apinajé: um é que ambos se manifestam quando provocados; outro é a sua semelhança com o ninho de arapuá, com que as crianças o confundiram inicialmente no mito craô. Em seu *Dicionário dos animais do Brasil*, diz-nos Rodolfo von Ihering a respeito do ninho da abelha irapuã, arapuã ou arapuá (*Trigona ruficus*):

“O ninho é uma bola de meio metro de diâmetro, revestida exteriormente por algumas camadas de material folhado, quebradiço, que envolve não só o ninho propriamente dito (células e potes de mel), como ainda um anexo, às vezes considerável, constituído por uma massa compacta de barro e cera. Esta última parte do ninho não é habitada, pois nem há canais que a atravessem e assim parece que tem unicamente a função de dar peso ao ninho, para que este não balance com o vento. É uma das poucas espécies dos nossos meliponídeos que fazem ninho dependurado nas árvores (veja também ‘iraxim’) e não em cavidades.”

O ninho de arapuá nos faz voltar de novo ao mito de Kenkunã e Akrei, lembrado a propósito da primeira narrativa aqui apresentada: quando o segundo é degolado pela grande coruja, o primeiro — conforme a versão de Harald Schultz — põe sua cabeça numa forquilha de árvore, e sugere que ela se transforme num ninho de arapuá. Portanto, o conjunto de mitos de que estamos tratando se relaciona — e de modo mais claro o último, o penúltimo e o primeiro apresentados — com os ritos de iniciação partilhados, com pequenas diferenças entre si, pelas sociedades craô, canela e apinajé.

É curioso que diante do mito de Téwaré, justamente aquele que desmente nossa convicção anterior de que estávamos diante de um conjunto de mitos de pequeno ‘rendimento’ — isto é, dificilmente relacionáveis a outros aspectos da cultura dos timbiras —, o autor cuja versão nos proporcionou essa abertura manifeste a mesma dúvida. Apesar de nos informar a respeito da relação entre o mito de Téwaré e o rito do Peny-tág, Curt Nimuendaju se recusa a acreditar nas explicações dos índios, como podemos averiguar por suas próprias palavras:

“Como de costume, os Apinayé explicam a origem do Peny-tág por uma lenda que se compõe de dois motivos que originariamente nada tinham a ver com bolas de borracha, nem tinham qualquer ligação entre si. O primeiro é o da ‘Perna de Lança’, que Roth encontrou entre os Warrau, e eu — além dos Apinayé—, também entre os Ramkókamekra-Canelas, os Tukuna e os Xipáya.

Para explicar a origem das bolas de borracha, os Apinayé associaram a este, o motivo do ‘crânio rolador’ (cabeça de maracá), que Roth também encontrou entre os Warrau, mas como mito independente e que eu ouvi nas mesmas condições entre os Tembé, Guaraní e Xipáya.”

E, depois de acabar de descrever o jogo das bolas de borracha, ele ainda acrescenta:

“É claro que essa cerimônia extremamente solene e impressionante, originariamente nada tem que ver com os mitos da ‘Perna de Lança’ e do ‘Crânio rolador’ (cabeça de maracá). Ao contrário, não me parece impossível que tenha relações com o culto solar dos próprios Apinayé, se bem que a lembrança de semelhante conexão tenha desaparecido por completo da consciência desses índios.”

Enfim, razões teóricas, que Nimuendaju não costumava deixar plenamente explícitas, como a independência de motivos míticos e a expectativa de existência de um culto solar, faziam o autor duvidar das afirmações dos apinajés. Mais ainda, as palavras de Nimuendaju como que sugerem que Téwaré não tinha suficiente dignidade para ser relacionado a “essa cerimônia extremamente solene e impressionante”.

E o que pensariam os timbiras sobre o ‘rendimento’ desses mitos? Seria difícil dirigir-lhes uma pergunta direta a esse respeito. Mas talvez esteja nos próprios mitos a resposta que eles poderiam dar. Ela nos parece estar na presença de Tirkrê.

De fato, em quase todos esses mitos, após a morte do ser que dizima os habitantes da aldeia, um velhinho é chamado para identificá-lo. Os narradores não afirmam categoricamente que o velhinho é Tirkrê, mas supõem que seja assim, por alguma razão: porque sabe muito, argumentou um; porque não ouviu falar que ele tenha morrido (logo, seria imortal), assegurou outro.

Ora, Tirkrê era o nome do homem que, segundo a mitologia craô, os urubus curaram de uma inflamação no ouvido provocada por uma formiga e depois levaram para o céu em sua companhia. No céu ele ficou algum tempo, ganhou poderes mágicos, foi aclamado chefe

honorário e aprendeu vários ritos, que ao voltar à aldeia ensinou a seus companheiros: o de Pembkahëk, o de Katamti, o de Khöigayu, o da chefia honorária. Foi, portanto, um membro da comunidade que dela se afastou, mas a ela retornou, trazendo-lhe contribuições importantes.

Por outro lado, dos seres maléficos de que tratam os mitos aqui examinados, pelo menos três — Hitókré, Tókhamkwërekwe e Téwaré — foram anteriormente membros da comunidade e, por motivos alheios ou não a suas vontades, dela se afastaram. Pode ser que os demais também o tenham sido, mas isso não está explícito nas versões narradas. Uma vez fora da sociedade, suas ações se voltaram contra os integrantes dela. Quando finalmente aniquilados, nada deixam como contribuição para a sociedade (a não ser Téwaré, mas somente na versão apinajé, onde, por sinal, Tirkre não se faz presente). Por conseguinte, a imagem do velhinho Tirkre a examinar com seu bastão cada um desses seres que era abatido põe em confronto o herói que muito ofereceu à sociedade, vivo, a reconhecer a morte e a identidade de quem nada trouxe. Dessa maneira, o próprio mito faria a avaliação de seus personagens.

Sugestões para leitura

LÉVI-STRAUSS, C. *O Cru e o Cozido*. São Paulo: Brasiliense, 1991.

MELATTI, J.C. *O Messianismo Krahó*. São Paulo: Herder e EDUSP, 1972.

_____. “Reflexões sobre Algumas Narrativas Krahó”. *Série Antropologia* 8. Brasília: UnB-Departamento de Antropologia, 1974. Divulgado com acréscimo em www.juliomelatti.pro.br/artigos/a-contos.pdf.

_____. *Ritos de uma Tribo Timbira*. São Paulo: Ática, 1978.

_____. “Indivíduo e Grupo: À Procura de uma Classificação dos Personagens Mítico-Rituais Timbiras”. *Anuário Antropológico/79*: 99-130. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1981.

NIMUENDAJU, Curt. *The Eastern Timbira*. Berkeley e Los Angeles: University of California Press, 1946.

_____. “Os Apinayé”. *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi* 12. Belém, 1956.

SCHULTZ, Harald. “Lendas dos Índios Krahó”. *Revista do Museu Paulista* (Nova Série) 4: 49-163. São Paulo, 1950.